

Psykhé e néfesh: um estudo comparativo da tradução de *néphesh* por *psykhé* em alguns versículos na Septuaginta

Psykhe and nefesh: a comparative study of the translation of Nephesh into Psykhe in some verses of The Septuagint

ALEX FABIANO CAMPOS GONÇALVES*

Resumo: Esse artigo pretende apresentar a falta de correspondência entre o termo grego *psykhé* e o termo hebraico *néphesh*. O primeiro é um dos mais importantes conceitos da cultura helênica, e o segundo corresponde a um dos principais vocábulos da antropologia do Antigo Testamento. A tradução de *néphesh* por *psykhé*, na Septuaginta, induz à compreensão equivocada de que ambos encerram a noção de um elemento humano imaterial oposto ao corpo material. Esse significado, porém, só se aplica, de fato, ao termo grego.

Palavras-chave: Psykhé. Néphesh. Alma. Poesia grega. Antigo Testamento. Religião antiga.

Abstract: This paper intends to show the lack of correspondence between the Greek word *psyche* and the Hebrew *nephesh*. The first is one of the most important concepts of the Hellenic culture and the second corresponds to one of the main words of the anthropology of the Old Testament. A translation of *nephesh* into *psyche* in the Septuagint induces to misunderstandings that both mean a human immaterial element opposite to an immaterial body. This meaning, however, only applies, in fact, to the Greek word.

Keywords: Psyche. Nephesh. Soul. Greek Poetry. Old Testament. Ancient religion.

* Mestre e doutorando em Letras Clássicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro sob a orientação da Professora Doutora Shirley de Fátima Gomes Peçanha.
E-mail: alexfabianocampos@hotmail.com

1. Introdução

No mundo moderno, a palavra alma, inevitavelmente, remete à significação de um constituinte imaterial oposto ao corpo material. Tal significado já é atestado nos Poemas Homéricos, aparecendo logo nos primeiros versos de *Iliada*, obra na qual, pela primeira vez na literatura ocidental, se registra essa oposição. Observa-se, porém, que a compreensão de alma como elemento oposto ao corpo é quase sempre vista como um legado da religião cristã, ou da tradição judaico-cristã que tem, como principal fonte de fé, a Bíblia tomada como a palavra relevada de Deus, de modo que, usualmente, em alguns ambientes, quase nunca, tal concepção é associada à poesia ou à filosofia grega.

As fontes ou registros, sobre os quais esta interpretação comum de alma se baseia, são, pois, literárias, ou seja, a Bíblia de cunho religioso, *Iliada* e *Odisseia* que, não obstante serem de grande importância para a religião grega, não possuem um caráter de revelação divina¹.

Pretende-se, portanto, neste estudo, examinar os dois principais² termos utilizados em tais obras para expressar essa noção, a saber, a palavra grega *psykhé*, (ψυχή) e a palavra hebraica *néphesh* (נֶפֶשׁ) ambas frequentemente traduzidas por alma. Também, far-se-á necessário verificar qual a correspondência existente entre eles, e se encerram a mesma noção porque são termos de línguas e de culturas distintas. Para alcançar tal objetivo, fez-se um cotejo de passos de *Iliada*, de *Odisseia*, de textos da Bíblia Hebraica e de sua tradução grega denominada Septuaginta.

O termo *psykhé* (ψυχή) presente em palavras como psicologia, psiquiatria e outras, por soar mais familiar, será o primeiro a ser tratado evidenciando, pois, algumas dificuldades que sua tradução encerra tanto na *Iliada* quanto na *Odisseia*. Em seguida, examinar-se-á o termo hebraico *néfesh* (נֶפֶשׁ), alguns de seus significados e sua tradução usual por *psykhé* (ψυχή) na Septuaginta, versão grega do Antigo Testamento destinada aos judeus de língua e de cultura gregas, mas também utilizada pela comunidade cristã do mundo helenístico.

¹ A noção de inspiração divina na poesia grega é totalmente diferente. As musas são quem inspiram a poesia dando ao aedo legitimidade para cantar. Esse canto, porém, não se codifica em um conjunto de normas ou preceitos religiosos. Observa-se que as filhas de Zeus podiam, segundo Hesíodo, inspirar o poeta a cantar mentiras semelhantes a verdades.

² Além desses dois termos estudados aqui, tanto na língua grega quanto na hebraica, há outros termos que também são traduzidos como alma, como por exemplo, os termos gregos θυμός, νοός, φρήν, κήρ e os hebraicos רוּחַ, עוֹלָם, חַיִּים entre outros.

Nesta primeira tradução grega da Bíblia Hebraica, o termo *néphesh* (נֶפֶשׁ) é frequentemente traduzido por *psykhé* (ψυχή). Tal fato pode ter dado origem à concepção equivocada de que na religião judaica, em sua forma mais antiga, o homem era concebido de modo semelhante àquele apresentado nos Poemas Homéricos e na cultura grega posterior, isto é, como um ser constituído de dois elementos distintos, o corpo e a alma.

1.1. A *psykhé* em *Ilíada* e *Odisseia*

Na poesia homérica, *psykhé* (ψυχή) é um dos termos usados para designar um importante elemento que compõe o homem, e sua tradução é, muitas vezes, problemática em virtude da grande extensão semântica e de sua constância em contextos distintos das epopeias. Examinemos, pois, alguns passos nos quais o termo é empregado na *Ilíada* e na *Odisseia*, a fim de precisar sua significação.

Na *Ilíada*, na primeira ocorrência do termo, *psykhé* (ψυχή) se refere a um elemento, aparentemente, imaterial oposto ao corpo material. Embora nesses versos do (*Il. I v.1-5*) a palavra corpo não apareça opondo-se à ψυχή, o uso do pronome αὐτούς parece expressar essa ideia de modo que alguns estudiosos o traduziram por “corpos”, tradução aqui adotada, e outros, ainda, o traduzem por “eles próprios”, ou seja, os próprios heróis³.

Μῆνιν ἄειδε, θεά, Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος
 οὐλομένην, ἣ μυρὶ’ Ἀχαιοῖς ἄλγε’ ἔθηκε,
 πολλὰς δ’ ἰφθύμους ψυχὰς Ἄϊδι πορῖαψεν
 ἥρώων, αὐτοὺς δὲ ἑλώρια τεύχε κύνεσσιν
 οἰνωνοῖσι τε πᾶσι, Διὸς δ’ ἐτελείτο βουλή.

Canta, ó deusa, a ira funesta de Aquiles, filho de Peleu,
 que incontáveis aflições causou aos Aqueus e
 muitas almas valentes de heróis precipitou no Hades
 e deixou seus corpos como presa para cães e
 para todas as aves de rapina. Cumpria-se o desígnio de Zeus⁴.

(*Il. I. v.1-5*)

³ Alguns autores traduzem αὐτούς por corpo, por exemplo: Odorico Mendes, o Padre Manoel Alves Correia e Frederico Lourenço. Carlos Alberto Nunes traduz por eles próprios, ficando mais preso a uma tradução literal. Quanto a Aroldo de Campos, ele ignora o pronome.

⁴ Todas as traduções foram feitas por mim.

Nestes versos, como se pode observar, a concepção de homem constituído de dois elementos distintos, alma e corpo, é evidente. De fato, o termo (v.3) ὁρῶε-se ao pronome αὐτούς (v.4) “eles mesmos”, que representa os “corpos” dos heróis mortos em combate.

O significado de *psykhé* (ψυχή) como elemento imaterial que escapa, definitivamente, do corpo por ocasião da morte, é encontrado em outros passos como, por exemplo, esse apresentado abaixo, referente à morte de Pândaro, atingido entre os olhos e o nariz pela lança atirada por Diomedes:

ἦριπε δ' ἐξ ὀχέων, ἀράβησε δὲ τεύχε' ἐπ' αὐτῶ
αἰόλα παμφανόωντα, παρέτρεσαν δέ οἱ ἵπποι
ὠκύποδες· τοῦδ' αὐτθι λύθη ψυχή τε μένος τε.

Caiu do carro e ressoaram sobre ele as armas
faiscantes e reluzentes; desviaram-se os cavalos
velozes. Dele saíram a *psykhé* e a força.

(Il. V, v. 294-6)

Na narrativa da morte do lício filho de Zeus, o valente Sarpédon, pelas mãos de Pátroclo depois de um violento combate em que o próprio deus olímpico se comove:

“Ὡς ἄρα μιν εἰπόντα τέλος θανάτοιο κάλυψεν
ὀφθαλμοὺς ῥίνας θ'· ὁ δὲ λάξ ἐν στηθεσι βαίνω
ἐκ χροὸς ἔλκε δόρυ, προτὶ δὲ αὐτῶ ἔποντο·
τοῖο δ' ἅμα ψυχὴν τε καὶ ἔγχεος ἐξέρυσ' αἰχμήν.

o termo da morte fechou-lhe os olhos e as narinas,
enquanto ele falava. Pátroclo, com o calcanhar no peito,
arrancou a lança do corpo; os pulmões vieram atrás.

E ao mesmo tempo tirou-lhe a *psykhé* e a ponta da lança.

(Il. XVI, v. 503-505)

A morte de Pátroclo (*Il* XVI, v. 855-8) e a de Heitor (*Il*. XXII, v. 360-03), que podem ser consideradas as mais importantes do poema, posto que o destino do filho de Menécio determina o retorno de Aquiles ao combate, e a do filho de Príamo sela a derrota de Tróia, são mencionadas com os mesmos hexâmetros⁵, distinguindo-se apenas o final do verso que indica o agente

⁵ Esse é o metro utilizado pela poesia épica grega. Ele consiste em um verso de seis sílabas, uma sílaba longa seguida de duas breves.

causador da morte, no verso 858 do canto XVI, Heitor; no verso do Canto XXII 363, Aquiles:

“Ὡ ἄρα μιν εἶποντα τέλος θανάτοιο κάλυψε·
ψυχὴ δ’ ἐκ ῥεθέων πταμένη Ἰδίοσδε βεβήκει,
ὄν ποτμον γοώωσα, λιποῦσ’ ἀδροτῆτα καὶ ἦβην.
τὸν καὶ τεθνηῶτα προσηύδα φαίδιμος Ἥκτορ·

Enquanto assim falava, o termo da morte o envolveu:
a *psykhé*, desvanecendo-se dos membros, desceu para o Hades,
lastimando seu destino, deixando seu vigor e sua juventude.

E o glorioso Heitor proferiu estas palavras ao morto

(Il. XVI, v. 855-8)

Reitera essa mesma concepção, como se pode observar, os versos da *Odisséia* em que o narrador expressa a ideia de separação entre um elemento imaterial e o corpo, na cena em que, habilmente, coloca na boca de Anticleia a definição do ato de morrer:

“ὥς ἐφάμην, ἡ δ’ αὐτίκ’ ἀμείβετο πότνια μήτηρ·
‘ὦ μοι, τέκνον ἐμόν, περί πάντων κάμμορε φωτῶν,
οὐ τί σε Περσεφόνεια Διὸς θυγάτηρ ἀπαφίσκει,
ἀλλ’ αὐτὴ δίκη ἐστὶ βροτῶν, ὅτε τίς κε θάνησιν·
οὐ γὰρ ἔτι σάρκας τε καὶ ὀστέα ἴνες ἔχουσιν,
ἀλλὰ τὰ μὲν τε πυρὸς κρατερόν μένος αἰθομένοιο
δαμναῖ, ἐπεὶ κε πρῶτα λίπη λεύκ’ ὀστέα θυμός
ψυχὴ δ’ ἥτ’ ὄνειρος ἀποπταμένη πεπότηται.

“Assim falei, e, imediatamente, minha soberana mãe respondeu:
Ai de mim, meu filho, o mais desgraçado de todos os homens!
De modo algum, te engana Perséfone, filha de Zeus:
essa é a lei para os mortais, quando qualquer um morre; fato
não mais os tendões seguram a carne e os ossos,
mas domina-o a força poderosa do fogo ardente,
quando o *thymós* primeiramente abandona os ossos brancos,
e a *psykhé*, como um sonho, batendo as asas, se desvanece.

(Od. XI, v. 215-2)

Portanto, a concepção de *psykhé* (ψυχή) como um elemento “imaterial” oposto ao corpo material e que, com a morte, passa a ter uma existência autônoma no reino de Hades, é uma característica da escatologia homérica, e todo o Canto XI da *Odisseia* é baseado nela⁶.

Porém, este não é o único significado de *psykhé* (ψυχή). Em *Odisseia* I, v. 5, quando aparece pela primeira vez, o termo tem o significado de vida: ἀρνύμενος ἦν τε ψυχὴν καὶ νόστον ἐταίρων (esforçando-se para conservar sua vida e o retorno dos companheiros). Este significado também é frequente em *Iliada*, como se pode observar nos exemplos abaixo:

οὐδὲ τί μοι περίκειται, ἐπεὶ πάθον ἄλγεα θυμῶ,
αἶει ἐμὴν ψυχὴν παραβαλλόμενος πολεμίζειν.

Nenhuma vantagem há para mim, porque padeci
sofrimentos no coração, sempre arriscando minha vida ao guerrear.
(Il. IX, v. 321-22)

Observe ainda mais um exemplo do uso do termo para designar a vida nos versos em que Aquiles, ressentido com a desonra sofrida, se recusa a lutar contra os troianos dizendo não ter interesse nas riquezas de Tróia porque sua vida era mais valiosa:

οὐ γὰρ ἐμοὶ ψυχῆς ἀντάξιον οὐδ' ὅσα φασὶν
Ἴλιον ἐκτῆσθαι, εὖ ναιόμενον πτολίεθρον,

Na verdade, nem todas as coisas que dizem
Que Ílon adquiriu são equivalentes à minha vida
(Il. IX, v. 401-02)

Tal significado, no entanto, é posto em dúvida por Bruno Snell (1975, p. 29), para quem o poeta só emprega o termo *psykhé* (ψυχή) quando quer se referir a algum evento relacionado com a morte ou perigo iminente de vida.

⁶ Embora a *psykhé* subsista no Hades, de modo algum ela deve ser tomada como um elemento divino. A noção de sua origem divina aparece pela primeira vez no fragmento Bowra 16 de Píndaro. Nesse poema, o poeta afirma que o corpo segue para a morte, mas alma é deixada viva por ser proveniente dos deuses. Tal compreensão é totalmente estranha aos Poemas Homéricos.

Pierre Chantraine (1999, p. 1294) afirma que o termo *psykhé* (ψυχή) é um pós-verbal de *psýkhō* (ψύχω), soprar, emitir um sopro que tem origem na raiz indo-europeia *bhs-, na qual se apresenta um sufixo determinativo *-psyo. Tal significado é atestado no seguinte passo da *Ilíada*, cujos versos narram o combate entre Aquiles e Heitor, o campeão dos troianos que, claramente, é prejudicado pela filha de Zeus:

ἦ ῥα καὶ ἄμπεπαλῶν προίει δορὺ καὶ τὸ γ' Ἀθήνη
 πνοιῆ Ἀχιλλῆος πάλιν ἔτραπε κυδαλίμοιο
 ἦκα μάλα ψύξασα [...]

E brandindo, ele atirou a lança, e ela, Atena,
 com um sopro retorna para trás do glorioso Aquiles,
 soprando muito gentil

(Il. XX, v. 438-40)

A forma de particípio ψύξασα, no verso 440, apresenta um sentido específico, isto é, de um sopro emitido em determinada direção, como este emitido pela deusa Atena, a fim de livrar Aquiles da lança de Heitor.

Ao significado de soprar, somam-se também os significados de emitir um alento, ou respirar, assim os passos referentes à morte podem ser interpretados como exalar o último alento de vida definitivamente. Esta interpretação pode ser estendida a passagens em que a *psykhé* (ψυχή) abandona o corpo, temporariamente, como se pode depreender dos versos referentes ao momento em que Sarpédon, ferido por Tlepólemo, desmaia ao ter a lança arrancada de sua coxa:

ἐκ δ' ἄρα οἱ μηροῦ δόρυ μείλινον ὥσε θύραζε
 ἴφθιμος Πελάγων, ὅς οἱ φίλος ἦεμ ἑτάϊρος.
 τὸν δὲ λίπε ψυχή, κατὰ δ' ὀφθαλμῶν κέχυτ' ἀχλύς

E, então, da coxa arrancou a lança de freixo, o
 valente Pelagon, seu querido companheiro,
 a *psykhé* o abandonou, sobre os olhos uma neblina sobreveio.

(Il. V, v. 694-96)

O significado aqui é claramente de um desmaio. A *psykhé* (ψυχή) abandona o herói temporariamente. O mesmo se dá com Andrômaca ao ver o corpo do magnífico Heitor sendo arrastado em frente à muralha de Troia:

αὐτὰρ ἐπεὶ πύργον τε καὶ ἀνδρῶν ἴξεν ὄμιλον,
 ἔσθη παπτήνας' ἐπεὶ τείχῃ, τὸν δ' ἐνόησεν
 ἔλκόμενον πρόθεν πόλιος· ταχέες δὲ μιν ἵπποι
 ἔκον ἀκδέστων κοίλας ἐπὶ νῆας Ἀχαιῶν
 τὴν δὲ κατ' ὀφθαλμοῶν ἔρεβεννὴ νύξ' ἐκάλυπεν,
 ἦριστε δ' ἔξοπίσω, ἀπὸ δὲ ψυχὴν ἐκάπυσσε.

Então depois que chegou à muralha e à multidão dos varões,
 colocou-se de pé sobre a muralha, reconheceu-o
 sendo arrastado em frente da cidade, velozes cavalos o
 arrastavam sem piedade para os navios curvos dos Aqueus,
 sobre seus olhos a noite escura desceu,
 caiu para trás e deixou escapar a *psykhé*.

(II. XXII, v. 462-67)

As duas passagens citadas relatam situações de forte emoção em que, normalmente, a respiração se torna ofegante e mais evidente, sendo, pois, suavizada e tornada quase imperceptível pelo desmaio repentino. O narrador interpreta tal fenômeno como o abandono do corpo pela *psykhé* que retorna no momento da retomada de consciência.

Os exemplos do emprego do termo *psykhé* (ψυχή) aqui apresentados, de modo algum, esgotam as possibilidades de seu uso nos Poemas Homéricos, nem sua tradução, porém, evidenciam que ele é, comumente, relacionado com um elemento oposto a corpo, um elemento que subsiste com existência autônoma no Hades após a morte. Relaciona-se também com a respiração, posto que sua etimologia, como foi mostrado, liga-se ao ato de respirar ou exalar um sopro que são característicos dos seres vivos.

O fato é que o homem, na *Iliada* e na *Odisseia*, é dotado de uma *psykhé* (ψυχή), e o narrador faz uso do termo quando quer dizer que a vida se encontra ameaçada ou quando é interrompida completamente, como se observou nos versos apresentados.

Esse conceito de *psykhé* (ψυχή) como elemento imaterial constitutivo do homem, que subsiste para além da morte, remonta aos Poemas Homéricos. Essa noção se difunde no Ocidente e, comumente, é aceita até os dias de hoje em muitos ambientes.

2. O significado de *néphesh* em algumas passagens do Antigo Testamento

O termo *néphesh* (נֶפֶשׁ), à semelhança do termo *psykhé*, apresenta-se com uma grande extensão semântica, de modo que, para precisar seu significado, é preciso levar em conta o contexto específico no qual seu emprego se dá e, embora sua tradução mais frequente seja alma, isto não quer dizer este seja o melhor significado, porque o termo alma evoca um princípio imaterial oposto ao corpo material, e tal concepção é estranha à palavra *néphesh* (נֶפֶשׁ).

O termo *néphesh* (נֶפֶשׁ) é relacionado ao homem, pela primeira, vez no segundo relato da criação em Gênesis 2, 7, e, de modo algum, pode ser tomada simplesmente como um elemento imaterial oposto a corpo material: “וַיִּצְרֶה יְהוָה אֱלֹהִים אֶת־הָאָדָם עֹפֶר מִן־הָאֲדָמָה וַיִּפַּח בְּאַפָּיו נְשָׁמַת חַיִּים וַיְהִי הָאָדָם לְנֶפֶשׁ” (“E o Senhor Yhwh plasmou o homem do pó da terra e insuflou no nariz dele um sopro de vida, e o homem se tornou um vivente.”)

Neste passo, em que se relata a criação do Homem, a tradução do termo por ψυχήν, como se pode observar na tradução grega, ou seja, na Septuaginta: “καὶ ἔπλασεν ὁ θεὸς τὸν ἀνθρώπον χούην ἀπὸ τῆς γῆς καὶ ἐνεφύσησεν εἰς τὸ πρόσωπον αὐτοῦ πνοὴν ζωῆς καὶ ἐγένετο ὁ ἄνθρωπος εἰς ψυχήν ζῶσαν.”, induz a conceber que o termo hebraico encerraria a mesma concepção de que o homem é constituído de dois princípios como acontece com o homem homérico. Tal compreensão é, porém, equivocada. *Néphesh* (נֶפֶשׁ) aqui parece estar sendo empregado apenas para indicar que o homem passa de um estado para outro, isto é, de não-vivo para vivo. Observa-se a respiração como característica essencial dos seres vivos.

Assim, entende-se que o termo se relaciona com o verbo respirar cuja raiz é *nāfāsh* (נָפַח), aliás de emprego raro⁷, e que todo ser que respira possui uma *néphesh*, como se pode deduzir da leitura de *Gênesis* 1, 20 e 24: “וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יִשְׂרָצוּ הַמַּיִם שְׂרָץ נֶפֶשׁ חַיָּה וְעוֹף יְעוֹפֵף עַל־הָאָרֶץ עַל־פְּנֵי רְקִיעַ” (“E disse o Senhor: Fervilhe a água um fervilhar de seres vivos e pássaros voem sobre a terra, sob o firmamento do céu.”); “לְמִינָהּ בְּהֵמָה וְרִמָּשׁ וְחַיְתוֹ־אָרֶץ לְמִינָהּ” (“E disse o Senhor: A terra produza viventes segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo sua espécie. E sucedeu desse modo.”).

⁷ Conforme Hans Walter Wolf (1983, p. 25), o termo, com sentido verbal, só aparece três vezes em todo o Antigo Testamento.

Os tradutores do texto grego traduziram esses versículos como “καὶ εἶπεν ὁ θεὸς ἐξαγγέτω τὰ ὕδατα ἔρπετὰ ψυχῶν ζωσῶν καὶ πτεινὰ ἐπὶ καὶ τῆς γῆς κατὰ τὸ στερέμα τοῦ οὐρανοῦ καὶ ἐγένετο οὕτως.” e “καὶ εἶπεν ὁ θεὸς ἐξαγγέτω ἡ ψυχὴν ζῶσαν κατὰ γένος τετράποδα καὶ ἔρπετὰ καὶ θηρία τῆς κατὰ γένος καὶ ἐγένετο οὕτως.”

Os exemplos acima evidenciam que o termo hebraico é aplicado a qualquer ser vivo e não exclusivamente ao Homem. Todo animal é uma *néphesh* (נֶפֶשׁ), seja ele humano ou não. O termo *psykhé* (ψυχή), de modo diferente, só é atestado, nos Poemas Homéricos, em *Odisseia* XIV, v.425-6, referindo-se a um animal, no passo referente ao sacrifício de um porco:

κόψε δ' ἀνασχόμενος σχίζη δρυός, ἦν λίπε κείων·
τὸν δ' ἔλιε ψυχή. τοὶ δ' ἔσφαξαν τε καὶ εὔσαν·

E depois, levantando o braço, o feriu com a clava de carvalho, que abandonava quando rachava lenha. A *psykhé* o deixou. Eles o degolaram e o chamuscaram.

Esta é uma importante diferença entre a palavra grega e a hebraica. Enquanto *psykhé* (ψυχή) é um atributo humano e aparece se referindo a animais somente nos versos, imediatamente, acima, *néphesh* (נֶפֶשׁ), ao contrário, pode se referir a outros seres, inclusive, ao próprio Deus, como por exemplo, em Jeremias 12, 7: “עָזַבְתִּי אֶת-בֵּיתִי נַפְשִׁי אֶת-הַנְּחִלָּתִי נָחְתִּי אֶת-יְרֵדוֹתַי נָפְשִׁי בְכַף אִיבִיָּהּ:” (Eu abandonei minha casa, rejeitei minha herança, entreguei minha amada *néphesh* nas mãos do inimigo). Novamente a tradução grega verte o termo para *psykhé* (ψυχή): “ἐγκαταλείοιτγα τὸν οἶκόν μου ἀφῆκα τὴν κληρονομίαν μου ἔδωκα τὴν ἡγαπημένην ψυχὴν μου εἰς χεῖρας ἐχθρῶν αὐτῆς.” Essa concepção de que uma divindade possui ψυχή é completamente estranha aos Poemas Homéricos.

A diferença entre os dois termos apresentados não significa que eles não se identifiquem em alguns passos. Tanto o termo grego quanto o hebraico têm significados idênticos sendo, portanto traduzidos por vida, como mostram os exemplos abaixo, a saber, o versículo 4 do segundo capítulo do livro de Jó e o versículo 13 do capítulo 12 de Gênesis. Nesse, é narrado o pedido de Abraão a Sara, por ocasião de sua ida ao Egito, quando se vê sua vida ameaçada: “בְּגַלְגָּלִי נִפְשִׁי אֶמְרִירֶנָּה אַחֲתִי אֵת לְמַעַן יִשְׁבְּלִי בְעַבְדֵיךָ וְחַיְתָּה נִפְשִׁי:” Na Septuaginta, esse passo é traduzido da seguinte forma: “εἰπὸν οὖν ὅτι ἀδελφὴ αὐτοῦ εἰμι ὅπως ἂν εὖ μοι γένηται διὰ σε ζήσεται ἡ ψυχή ἕνεκεν σου.” (E disse então que tu és

nariamente) um elemento imaterial oposto a corpo material que sobrevive de modo autônomo depois da morte.

Segundo Hans Walter Wolf (1983, p. 22), das 755 vezes que o termo *néphesh* aparece no Antigo Testamento, a Septuaginta o traduz por *psykhé* 600 vezes. Tal frequência pode gerar sérios equívocos. Segundo o autor, esta tradução poucas vezes corresponde ao significado do termo hebraico que nos estratos mais antigos do texto bíblico se relaciona com os órgãos da respiração e da nutrição, se relaciona com as necessidades físicas do homem. Alguns desses significados, como foram mostrados, se aproximam dos significados de *psykhé*, porém, de modo algum, os dois termos se identificam.

Os exemplos aqui apresentados são parte dos resultados parciais de uma pesquisa que tem sido empreendida sobre a relação entre os conceitos de alma na Poesia Grega Arcaica e o Antigo Testamento. Há muitos exemplos que ainda devem ser analisados, de modo que, aqueles aqui apresentados, apenas visam mostrar as dificuldades e os problemas que as traduções desses dois termos promovem quando o tradutor os toma como idênticos.

Referências

- ALLEN, Thomas W. *HOMERI OPERA. Tomus III, Odysseae Libros I-XII*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- BAYLLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 2000.
- BREMMER, J. *The Early Greek Concept of the Soul*. New Jersey: Princeton University Press, 1983.
- BURKERT, Walter. *Religião Grega na Época Arcaica e Clássica*. Tradução de M.J. Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire Etimologique de la Langue Grecque*. Paris: Klincksieck, 1999.
- CUNLIFFE, R. J. *A Lexicon of Homeric Dialect*. Nornam: University of Oklahoma Press, 1963.
- DETIENE, M. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.
- DIMOCK, G.E. *The Unity of Odysseus*. Amherst: Massachusetts University Press, 1989.
- ELLIGER, K & RUDOLF, W. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart, 1990.
- ELÍCEGUI, E. G. *Vida/Morte de Homero a Platón: Estúdio de Semántica Estructural*. Madrid: Instituto Antonio de Nebrija, 1977.
- FERREIRA, José Ribeiro. *Hélade e Helenos. 1- Gênese e Evolução de um Conceito*. Coimbra, 1983.
- GARLAND, R. *The Greek Way of Death*. Ithaca: Cornell University Press, 1985.

- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Edições Cotovia, 2005.
- _____. *Odisséia*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Edições Cotovia, 2003.
- _____. *Odisséia* vol. II. Tradução de Donald Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- HOMER. *Iliad*. English and Greek by A. T. Murray. Harvard University Press, 1999.
- _____. *Odyssey*. English and Greek by A. T. Murray. Harvard University Press, 1999.
- JAEGER, W. *Teologia de los Primeiros Filósofos Griegos*. Tradución de Jose Gaos. Mexico: Fondo de Cultura Económica.
- LIDDELL H. G. & SCOTT. R. *A Greek-English Lexicon – with a revised supplement*. Oxford: Claredon Press. 1996.
- LEVET, J.P. *Le Vrai et le Faux dans la Pensée Grecque Archaique*. Paris: Les Belles Lettres, 1976.
- MONRO, D.B. *A Grammar of the Homeric Dialect*, Oxford, 1891, reip. 1992.
- NILSSON, Martin. P. *A History of Greek Religion*. Oxford: Claredon Press, 1949.
- ONIANS, R, B. *The Origins of European Thought: about the body, the mind, the soul, the world time and fate*. Cambridge University Press, 1954.
- RAHLFS, A. *Septuaginta: id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.
- REALE, Giovanni. *Corpo, Alma, e Saúde: O Conceito de Homem de Homero a Platão*. Tradução de Marcelo Perini. São Paulo: Paulus, 2002.
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. Tradução de Antônio Steffen. São Paulo: Edições Loyola, 1975.